

VIVENDO A INFÂNCIA NO BAIRRO: APROXIMAÇÕES DE DADOS DE PESQUISAS COM CRIANÇAS DE CURITIBA, PARIS, LONDRES E SÃO FRANCISCO

LIVING CHILDHOOD IN THE NEIGHBORHOOD: RESEARCH DATA APPROACHES WITH CHILDREN OF CURITIBA, PARIS, LONDON AND SAN FRANCISCO

Solange Pacheco Ferreira

Universidade Federal do Paraná
sole_pacheco@yahoo.com.br

Valéria Milena Rohrich Ferreira

Universidade Federal do Paraná
valeriarohrich@gmail.com

Introdução

Este artigo se propõe a aproximar alguns aspectos dos dados resultantes de três pesquisas que objetivaram estudar as maneiras de viver e conviver de crianças em contextos urbanos. A primeira pesquisa (chamada aqui de *Pesquisa A*) foi realizada por Authier e Lehman-Frisch (Universidade Lumière Lyon II e Universidade de Cergy-Pontoise) no ano de 2012 em três bairros de três diferentes cidades, o bairro de Batignolles (Paris-França), o de Stoke Newington (Londres-Reino Unido) e o de Noe Valley (São Francisco- Estados Unidos), com crianças entre 9 e 11 anos de idade (63 meninas e 62 meninos). Embora esta pesquisa trate especificamente de bairros gentrificados¹, a primeira parte da descrição dos dados trata da sociabilidade das crianças da pesquisa, de modo geral. E é com esta parte dos dados que aqui iremos dialogar.

¹ Termo este que embora geralmente designe o processo pelo qual famílias pertencentes a camadas médias e superiores estabeleceram-se em antigos bairros populares localizados no centro da cidade, reabilitando o bairro e substituindo progressivamente os habitantes mais antigos, está sendo utilizado, nos últimos anos, também para designar “outros processos de ‘revitalização’ de centros urbanos degradados e de ‘elitização’ das cidades” (AUTHIER; BIDOU, 2008, p. 14).

Para conversar com as crianças os pesquisadores franceses utilizaram um conjunto de fotografias dos bairros pesquisados, com as seguintes referências: biblioteca do bairro, um parque do bairro, uma rua comercial, um ponto de transporte coletivo, a outra escola pesquisada no mesmo bairro, um mercado e uma praça situada no limite do bairro. As crianças eram convidadas a comentar sobre as fotos e com isso os pesquisadores objetivavam compreender: seus conhecimentos e representações do bairro, identificar os usos do bairro, seus deslocamentos dentro e fora do bairro e ainda suas sociabilidades.

A outra pesquisa (aqui denominada de *Pesquisa B*) diz respeito a uma pesquisa de mestrado relacionada a um Grupo de Estudos da Universidade Federal do Paraná, do Setor de Educação, que estuda as tensões e contradições nas redes de interdependência de crianças em contextos urbanos². Essa pesquisa (Ferreira, S, 2015) tinha como objetivo estudar os usos do bairro Pilarzinho por crianças da Rede Municipal de Educação de Curitiba.

A terceira pesquisa (*Pesquisa C*³) foi realizada em vários bairros de Curitiba pelo grupo mencionado acima, com crianças de 27 escolas municipais situadas em 9^a regionais da cidade de Curitiba, entre os anos de 2013-15. Na primeira etapa dessa pesquisa foram coletados dados quantitativos a partir de um questionário entregue a aproximadamente 1600 famílias responsáveis por crianças estudantes dos 5^o anos do Ensino Fundamental. E na segunda etapa foram realizadas conversas com 36 crianças das escolas selecionadas. Tal pesquisa vem demonstrando que o uso de equipamentos legitimados do bairro (parques, praças, museus etc) e também a mobilidade das crianças moradoras do centro e da região norte são bem mais variadas do que as do sul e do sudeste. Foi a partir desta *Pesquisa C* que definiu-se dois bairros contrastados da cidade para realizar estudos mais aprofundados. Assim, duas das pesquisadoras do grupo procuraram desenvolver suas pesquisas de mestrado, cada qual em um bairro oposto quanto à localização e ofertas de mobiliários urbanos (um ao norte, na Re-

² O Projeto intitula-se “Vivendo a infância na cidade: tensões e contradições nas redes de interdependência de crianças que se socializam em configurações urbanas do século XXI” sob a coordenação da Professora Dra. Valéria Milena Rohrich Ferreira. A primeira parte da pesquisa (exploratória) consta em Ferreira, V, 2015 e Ferreira V, 20016.

³ Intitulada “Cidade e Infância: um estudo em bairros de Curitiba” (FERREIRA et al, 2015, no prelo)

⁴ À época da pesquisa, Curitiba contava com 9 regionais. Hoje são 10 regionais.

gional Boa Vista e com ampla oferta de equipamentos públicos e outro ao sul/sudeste, na Regional Cajuru, com bem poucos equipamentos de lazer, cultura etc.).

Portanto, o bairro aqui explorado é o Pilarzinho (ao norte) um dos bairros que mais apresentam equipamentos culturais e “espaços verdes” (parques e praças) da cidade. Foram selecionadas 40 crianças⁵ (20 meninos e 20 meninas) com idade entre 8 e 11 anos de duas escolas municipais regulares, com jornada escolar de 4 horas (Perfil 1 e 2 e situadas em regiões consideradas como centrais do bairro e com maior quantidade de famílias com melhores condições socioeconômicas) e de duas integrais, jornada de 9 horas (Perfil 3 e 4, situadas em regiões do bairro próximas ou dentro de áreas de vulnerabilidade social e tendo maior quantidade de famílias com menores condições socioeconômicas). Conversou-se com cada criança por aproximadamente 30 minutos e também se partiu da metodologia utilizada por Authier e Lehman-Frisch (com um conjunto de fotos do bairro).

Neste artigo procuraremos trazer, portanto, algumas aproximações entre as três pesquisas, no que diz respeito ao deslocamento das crianças de casa para escola; deslocamento no bairro; usos do bairro; e realização de atividades extra-escolares.

Vivendo a infância em Batignolles (Paris-França), Stoke Newington (Londres-Reino Unido) Noe Valley (São Francisco- Estados Unidos), Pilarzinho (Curitiba, Brasil) e em outros bairros de Curitiba

Deslocamento das crianças até à escola

Para Authier e Lehman-Frisch (2012) o modo de deslocamento do domicílio para a escola pode ser considerado como um dos fatores que intervêm

⁵ Foram respeitados todos os princípios éticos de integridade da pesquisa científica (diretrizes e normas) presentes na discussão instituída pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa (ANPED) no Grupo de Trabalho (GT) Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e a Resolução nº 510 de 2016. Após apresentação da pesquisa para a Secretaria Municipal de Educação e o consentimento de diretoras, professoras e pais ou responsáveis, explicou-se detalhadamente a pesquisa às crianças perguntando se estas queriam participar da pesquisa.

no conhecimento do bairro. A *Pesquisa A* indicou que o trajeto “casa-escola” realizado pelas crianças que moravam a mais de um quilômetro da escola, era bem menos suscetível a que as crianças efetuassem seus trajetos da escola a pé⁶. Contrariamente, as crianças que moravam mais perto da escola em sua maioria realizavam esse trajeto a pé. No entanto, mais da metade das crianças disseram que vão para escola (ou retornam da escola) sempre acompanhadas por seus pais ou por outros adultos e apenas um sexto das crianças fazem sistematicamente seus trajetos sozinhas. Para os autores, esses dados confirmam os resultados de pesquisas recentes sobre o forte enquadramento dos trajetos escolares das crianças na escola primária, ou seja, os usos intensos das crianças nos bairros se fazem sob a vigilância atenta dos pais (AUTHIER; LEHMAN-FRISCH, 2012).

O que se verificou nas cidades pesquisadas pelos autores foi que as crianças são proporcionalmente mais numerosas a serem “(muito) fortemente” monitoradas em Noe Valley (São Francisco) do que em Batignolles (Paris) e em Stoke Newington (Londres). Outro resultado interessante referente ao deslocamento das crianças até escola, diz respeito, ao conhecimento do bairro. As crianças que se deslocavam a pé para a escola (sempre ou por vezes) tinham um melhor conhecimento do bairro do que aquelas que vão para a escola exclusivamente de carro e/ou de transporte comum. Resumindo, quanto mais as crianças moravam perto da escola, mais elas apresentavam usos intensos e variados do bairro analisado. E com o distanciamento geográfico, os pais reforçavam o enquadramento dos usos de seus filhos, com um limiar muito claro de dois quilômetros: as crianças que vivem além desse limite são mais numerosas a ser fortemente ou muito fortemente enquadradas do que as crianças que moram mais perto. (AUTHIER; LEHMAN-FRISCH, 2012).

Já com relação ao Brasil, e mais especificamente Curitiba, dados recentes de uma pesquisa realizada pela Prefeitura Municipal de Educação da cidade⁷ sobre o deslocamento de crianças (de 8 e 9 anos) até a escola,

⁶ Segundo os resultados da pesquisa 31,1% das crianças não realizavam o caminho “casa-escola a pé”, contra 90,4% para as crianças que moravam mais perto, e “sempre ou por vezes sozinhas”, 20,7 % contra 66,6 %.

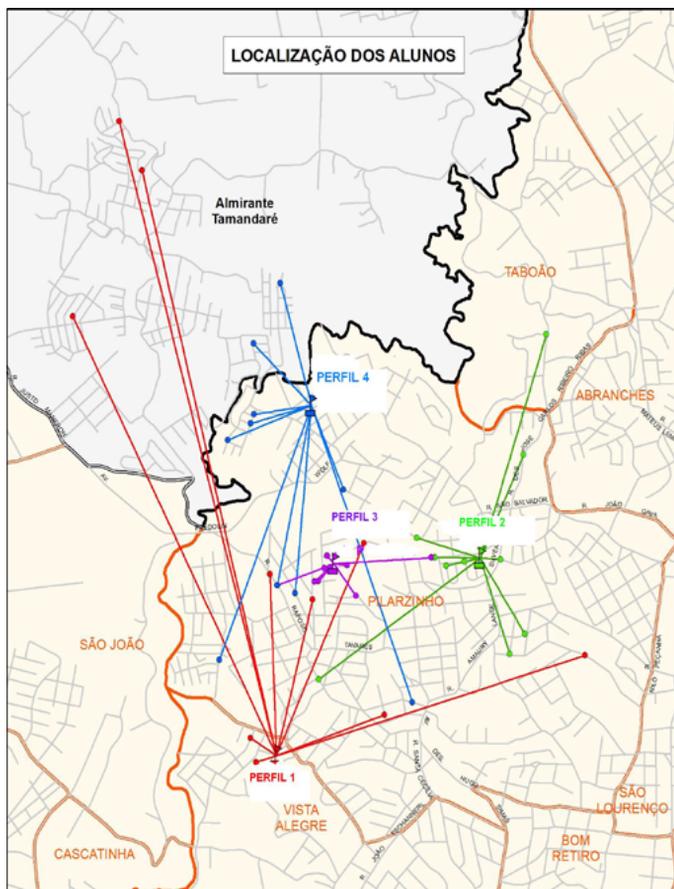
⁷ Pesquisa realizada em 2014 com crianças dos 4º anos do Ensino Fundamental, por meio de um questionário respondido pelas crianças, vinculado à aplicação da Avaliação do Rendimento Escolar de Curitiba (SIMARE).

revelou que no geral, 44% indicaram ir a pé. Em segundo lugar destacou-se a utilização do carro (29%), seguido do transporte escolar. Já os transportes menos citados foram à utilização da bicicleta (2%) e do ônibus de linha (3%). No entanto, ao se somar os percentuais das crianças que se deslocam até às escolas de carro e de transporte escolar, este percentual chega a 54% de crianças que utilizam veículos automotores para o seu deslocamento até a escola.

Quanto aos dados da *Pesquisa C* realizada em bairros das 9 regionais, sobre o trajeto casa-escola, os dados demonstraram forte enquadramento das famílias, assim como apontado nas pesquisas dos outros países. São 84% das crianças que vão à escola acompanhadas (nos outros países, foram “mais da metade”) e quem as leva, em primeiro lugar é a mãe (28%), seguido do pai (14%) e 38% indicaram outros adultos: avós, família, irmãos ou vizinhos (a categoria outros, somou 4%). Assim, ir sozinha à escola representa apenas 16% dos casos. No entanto, quanto mais as crianças são advindas de bairros em que os moradores têm uma menor condição socioeconômica (no caso de Curitiba, bairros ao sul e extremo sul, como CIC e Pinheirinho, por exemplo) ou, dentro de cada bairro da pesquisa, em regiões menos valorizadas do bairro (áreas próximas ou de vulnerabilidade social, favelas, vilas), mais aumenta o índice de crianças que vão à pé e sozinhas para a escola. E quanto mais as crianças habitam em regiões de vulnerabilidade, mais aumenta o índice de crianças que moram bem próximas à escola.

Assim, no caso do deslocamento “casa-escola”, realizado pelas crianças da *Pesquisa B*, moradoras da região norte e com melhores condições socioeconômicas, verificou-se que, no geral, de fato elas residiam em sua maioria no bairro, mas não tão próximas do entorno das escolas, como pode ser visto no “Mapa de Arruamento” a seguir (as linhas coloridas indicam o local de moradia de cada uma das crianças da pesquisa e a ligação com a escola em que estudam):

MAPA 1 - LOCALIZAÇÃO DOS PERFIS E DOS ESTUDANTES



FONTE: Ferreira, S. (2015).

Organização: IPPUC/ Setor de Geoprocessamento.

O que se evidencia portanto é que, diferente dos outros países, no caso Curitiba e de um bairro ao norte da cidade, as crianças que percorrem maiores distâncias e utilizam o carro ou o transporte escolar para chegarem às escolas (crianças das escolas do Perfil 1, 2 e 4 da pesquisa), apresentam maiores conhecimentos e usos do bairro e da cidade. E quanto mais as crianças moram perto da escola (Perfil 3), menos apresentam conhecimento e usos intensos e variados do bairro. Isso se justifica, pois, no caso das crianças da escola de Perfil 3, estas situam-se em uma região de extrema vulnerabilidade

social e sair e conhecer o bairro, significaria infringir as fronteiras invisíveis impostas pelo tráfico com inúmeras situações de violência.

Uso intensivo do bairro

Os dados da *Pesquisa A* revelaram que um grande número das crianças acumula diversos tipos de práticas (o uso do comércio, dos parques ou das bibliotecas, ou ainda a prática de atividades extraescolares). Segundo Authier e Lehman-Frisch (2012) um terço das crianças da pesquisa acumula ainda o conjunto desses usos e ao contrário, apenas uma minoria das crianças tem um uso fraco do bairro, praticando apenas uma ou mesmo nenhuma dessas atividades, o que os faz concluir que “o bairro não se reduz assim, a ser um mero cenário para a maioria dessas crianças”. (AUTHIER; LEHMAN-FRISCH, 2012). Mas, evidenciou-se também que os bairros Batignolles, Stoke Newington e Noe Valley são muito diversamente utilizados pelas crianças, a depender da localização do domicílio e da especificidade de cada contexto urbano⁸.

No caso curitibano, essa situação não é diferente. Embora o Pilarzinho ofereça uma variedade de espaços ambientais e culturais isso não se traduz em um uso intenso e variado por parte de todas as crianças, ficando claro, que o uso se relaciona às condições econômicas das famílias, ao tipo de espaço do bairro onde se mora e se estuda (se em regiões vulneráveis ou seguras do bairro) e até ao tipo de organização de tempo/espaço de cada escola e suas propostas de saídas, visitas, relação com a região do bairro a que se situam. Ao escutar as crianças, pôde-se conhecer como vivenciam os espaços do bairro e da cidade, ficando claro, de modo geral, o grande uso do comércio e o pouco uso dos espaços culturais como museus e teatros. E esses usos do bairro realizados pelas crianças da *Pesquisa B* se diferenciam e muito das crianças da *Pesquisa A*. Enquanto as crianças da *Pesquisa A* primeiramente frequentam atividades extraescolares, as da *Pesquisa B* (e também da *Pesquisa C*) vão ao comércio do bairro. Essas diferenciações das práticas das crianças no uso dos espaços do bairro serão descritos a seguir.

⁸ Nos bairros Batignolles e Stoke Newington – mais da metade das crianças residem nesses bairros. Já as crianças de Stoke Newington – são mais numerosas a investir fortemente no bairro gentrificado: mais da metade delas conjuga o uso do comércio, dos parques, das bibliotecas e de atividades, enquanto é o caso de uma criança em cinco em Noe Valley e de uma criança em seis em Batignolles. (AUTHIER, LEHMAN-FRISCH, 2012).

Atividades Extraescolares

Uma grande maioria das crianças da *Pesquisa A* apreciam os bairros em que vivem, sendo que metade delas reconhece o conjunto dos lugares representados pelas fotografias⁹. Esses fortes usos se apoiam primeiramente sobre as atividades extraescolares praticadas no bairro. Essas atividades, que consistem em atividades esportivas, culturais ou religiosas e que podem ser ou não institucionalizadas, se desenrolam para alguns no interior da escola (mas fora do tempo escolar, a exemplo dos “Ateliês azuis”, fornecidos pela prefeitura de Paris), para outros, acontecem em outras partes do bairro, enquanto perto de um quinto das crianças acumulam os dois registros. (AUTHIER; LEHMAN-FRISCH, 2012). No caso das crianças de Noe Valley (São Francisco) e Stoke Newington (Londres), essas dizem respeito a uma proporção bem mais considerável de crianças que praticam essas atividades que em Batignoles. Portanto, as crianças de Batignoles parecem menos sistematicamente envolvidas em atividades extraescolares na França que nos Estados Unidos ou no Reino Unido, em relação à maior duração do seu dia na escola. (AUTHIER; LEHMAN-FRISCH, 2012). Esses resultados, para os autores, evidenciam tanto um forte desenvolvimento das atividades extraescolares nos países desenvolvidos quanto atesta sua importância na construção da relação das crianças com o bairro, na medida em que elas suscitam deslocamentos e desenvolvem sociabilidades ancoradas localmente.

Sobre a participação das crianças em atividades extraescolares (após o horário escolar) a *Pesquisa C* realizada em bairros das 9 regionais de Curitiba investigou tanto a participação das crianças em atividades na escola (fora do período escolar de 4 horas) quanto em outros espaços do bairro e da cidade. Referente à participação das crianças em atividades extraescolares na escola verificou-se que somente 35% das crianças retornam à escola depois do horário escolar. E quanto ao número de crianças que realizam essas atividades em outros espaços, somente 27% dos respondentes indicaram que as crianças realizam alguma atividade extraescolar. Entre as instituições públicas foram citados equipamentos da Secretaria Municipal da Educação (SME), Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude (SMELJ) e da Fundação de Assistência

⁹ Os dados da **Pesquisa A** indicaram que 60,7% das crianças reconheceram o conjunto dos lugares representados pelas fotografias enquanto, ao contrário, apenas 11,4% das crianças têm um fraco conhecimento do bairro (AUTHIER; LEHMAN-FRISCH, 2012).

Social (FAS). Entre as instituições privadas, apareceram cursos de línguas estrangeiras, cursos preparatórios para a entrada no 6º ano em escolas públicas renomadas (como Colégio Militar e Colégio da Polícia Militar do Paraná), aulas de reforço escolar do método Kumon (português e matemática) e aulas particulares e de informática.

Já no caso da participação das crianças da *Pesquisa B* em atividades extraescolares, tanto na escola quanto fora dela, a tendência não se altera. Foram poucas as crianças que disseram frequentar alguma atividade extraescolar e dentre essas, chama a atenção, o maior número de crianças da escola do Perfil 1 (perfil este com famílias com maiores condições socioeconômicas) a realizar este tipo de atividade. Os locais, públicos e privados, mencionados foram: escolinhas de futebol, escola de natação, escolas de música, de informática e, nos finais de semana, Grupo de Escoteiro. A escola do Perfil 1 também oferta em período contrário: apoio pedagógico, dança, tênis e coral. A participação grande dessas crianças demonstra um uso do tempo bastante planejado, enquadrado e “capitalizado” por suas famílias em detrimento das crianças dos Perfis 2, 3 e 4.

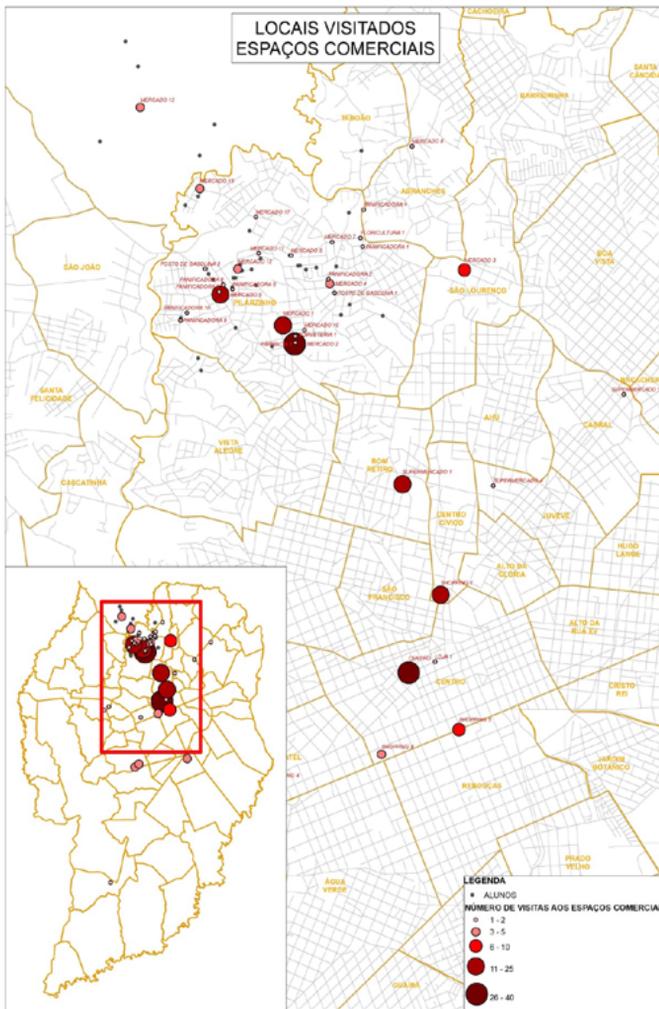
Comércio

A *Pesquisa C* realizada nas 9 regionais, de modo geral, indicou que o local do bairro que as crianças mais frequentam é o comércio, destacando-se em primeiro lugar as idas à padaria, seguido do mercadinho próximo as suas residências e também dos supermercados. No entanto, outros lugares de comércio também foram citados, ainda que com menor incidência: farmácia, loja de roupas, aviário, *Lan House*. A visita a shoppings também tem um índice muito alto.

As crianças da *Pesquisa B* também indicaram em primeiro lugar utilizar os espaços de comércio do bairro e da cidade. Assim, diferente da *Pesquisa A*, foram os locais de comércio do bairro que mais apresentaram incidências de uso pelas crianças da *Pesquisa B* e demonstram que o conhecimento do bairro se dá por esta via. De modo geral, as crianças relataram utilizar o comércio próximo às suas residências, como mercados, mercadinhos, bares e panificadoras. Já quanto a utilização do comércio do centro da cidade, a maioria das crianças disse frequentá-lo para comprar roupas, jogos eletrônicos, lanche e

passar. O “Mapa de Contagem” abaixo (em que círculos maiores e mais escuros representam maior quantidade de crianças que visitaram cada local de comércio), demonstra um pouco essa mobilidade espacial das crianças das 4 escolas nos diferentes espaços comerciais tanto do bairro quanto da cidade.

MAPA 2 – LOCAIS VISITADOS - ESPAÇOS COMERCIAIS/CONTAGEM



FONTE: A autora (2015).
 Organização: IPPUC / Setor de Geoprocessamento.

Vale ainda lembrar que no Pilarzinho concentram-se equipamentos públicos importantes da cidade. No entanto, apesar das crianças estarem tão próximas de uma grande quantidade de espaços verdes, ainda o comércio é o primeiro lugar frequentado. Mas, o que diferencia ainda as crianças da *Pesquisa B* nos usos desses espaços é a diversidade de locais frequentados pelas crianças. No caso do comércio, enquanto as crianças dos Perfis 1 e 2, disseram frequentar uma variedade de locais como hipermercados, mercados, panificadoras, sorveterias, floriculturas, dentro e fora do bairro, as crianças dos Perfis 3 e 4 disseram frequentar mais os locais de comércio perto de sua moradia.

Espaços de Lazer e Cultura (Parques, Jardins, Praças, Museus Teatros e Cinemas)

Os parques e os jardins são os lugares que aparecem em segundo lugar, tanto na *Pesquisa A* como na *Pesquisa B*, sendo os mais frequentados pelo conjunto das crianças. Segundo resultados da *Pesquisa A*¹⁰ os parques e os jardins são mais frequentemente utilizados pelas crianças de Stoke Newington (Londres) e Batignolles (Paris) que pelas de Noe Valley (São Francisco). E ao utilizarem menos os parques locais, as crianças de Noe Valley, são mais numerosas a frequentar o comércio do bairro. Para Auhier e Lehman-Frisch (2012) os parques e os jardins se constituem em polos importantes da socialização local das crianças e passam a ser verdadeiros espaços partilhados.

Sobre a utilização dos parques e dos jardins é importante que se diga que, no caso de Curitiba, a cidade ao longo das últimas décadas, construiu um *slogan* “de capital ecológica” pela preservação de grande quantidade de área verde, no entanto, tais áreas transformadas em parques e bosques e bem preservados, encontram-se mais na área norte e central do que na sul.

Assim, embora a cidade se diga ecológica, a *Pesquisa C* realizada em bairros das 9 regionais, constatou que apenas 50,2% das famílias, de modo geral, dizem utilizar os parques do bairro. E as famílias que mais frequentam foram justamente as dos bairros situados ao norte ou região central da cidade. Já com relação às visitas a outros parques da cidade, de modo geral, as famílias apon-

¹⁰ Segundo os resultados da “Pesquisa A” dois terços das crianças frequentam os parques e jardins “muito frequentemente” ou “frequentemente” e apenas três crianças “nunca” vão a esses lugares.

taram para um índice um pouco maior de frequência (63,6%). As famílias que mais assinalaram frequentar parques foram novamente as do norte e centro da cidade, coincidentemente os mesmos bairros que registraram índices altos na utilização de parques do bairro o que faz supor que, quem utiliza parques da cidade, na maior parte das vezes, são famílias que moram perto destes locais.

No caso da utilização dos parques do bairro pelas as crianças da *Pesquisa B*, no geral, essas demonstraram utilizar “muito frequentemente”. E os parques mais visitados do Pilarzinho pelo conjunto das crianças foram os Parques Tingui e Tanguá:

FOTO 1 – PARQUE TANGUÁ



FONTE: As autoras (2015).

FOTO 2 – PARQUE TINGUI



FONTE: As autoras (2015).

Bibliotecas

Outro espaço frequentado em comum pelas crianças da *Pesquisa A* e pelas da *Pesquisa B*, é a biblioteca. Os dados da *Pesquisa A* indicaram que embora menos que os parques e jardins e também o comércio, a biblioteca não deixa de ser um lugar utilizado “muito frequentemente” ou “frequentemente” por mais da metade das crianças. (AUTHIER; LEHMAN-FRISCH, 2012). No entanto, as crianças de Paris, Londres e São Francisco fazem usos diferenciados desse espaço, muitos deles relacionados às condições econômicas das famílias. O uso da biblioteca é mais favorecido pelas crianças de Stoke Newington (Londres) que por aquelas de Noe Valley (São Francisco) ou de Batignolles (Paris).

As crianças do Pilarzinho também fazem usos diferentes das bibliotecas do bairro e também se encontrou relação com as condições socioeconômicas das famílias. As crianças do Perfil 3, ou seja, da escola situada em região de

maior vulnerabilidade social é que disseram frequentar mais esse espaço. Estar em primeiro lugar entre as escolas pesquisadas pode estar associado, além das atividades de empréstimo de livros, leituras e pesquisa, também à utilização do computador, conforme informaram várias crianças. Já sobre a última posição ocupada pelas crianças do Perfil 1, perfil com maiores condições socioeconômicas, pode se supor que essas famílias dispõem de um acervo de livros e computador em casa e não necessitam utilizar as bibliotecas do bairro. Abaixo fotografias das bibliotecas (Faróis do Saber) situadas no bairro Pilarzinho:

FOTO 3 – FAROL DAS CIDADES



FONTE: As autoras (2015).

FOTO 4 – FAROL MANUEL BANDEIRA (na escola)



FONTE: As autoras (2015).

Conhecimento do bairro: bairro dos meninos e das meninas

Os meninos e as meninas de Paris, Londres e São Francisco, de modo geral, não se distinguem no tipo de uso do bairro. Mas isto não significa que as crianças vivenciem o bairro da mesma maneira. (AUTHIER, LEHMAN-FRISCH, 2012). As crianças frequentam em proporções muito semelhantes às lojas e as bibliotecas, no entanto, elas não fazem o mesmo uso dos parques e dos jardins públicos e não participam de forma idêntica das atividades extraescolares propostas localmente, nos estabelecimentos escolares ou em outros lugares no bairro. Os meninos se destacam na utilização dos parques e dos jardins públicos mais do que as meninas. Inversamente, as meninas são proporcionalmente mais numerosas a praticar atividades extraescolares e praticam mais essas atividades nos estabelecimentos escolares do que em outros lugares no bairro. (AUTHIER; LEHMAN-FRISCH, 2012).

E similarmente, no caso do Pilarzinho, as crianças também vivenciam de forma diferenciada os espaços do bairro. No entanto, são os meninos que mais demonstraram ter conhecimento e frequentar os espaços do bairro tanto a pé (65,4%) quanto de bicicleta (87,5%). Eles vão ao comércio, à casa dos amigos, andam de bicicleta pelo bairro e pelos parques, brincam na rua e nas praças. Tendo em vista que os meninos utilizam intensamente os espaços do bairro, movimentando-se sozinhos ou acompanhados, eles disseram no geral, considerar o Pilarzinho um bairro seguro para se viver. Em contrapartida, as meninas permanecem mais tempo em casa, brincando, assistindo televisão, estudando e utilizando o computador. E do total de ocupação do tempo livre das crianças (meninos e meninas), 43,1% são afazeres domésticos, e a maioria são rotinas semanais das meninas, como exemplo: limpar a casa, lavar roupas ou cuidar de irmãos mais novos.

Considerações finais

A partir da aproximação dos dados resultantes das conversas com crianças de Curitiba, Paris, Londres e São Francisco sobre suas maneiras de viver, conviver e de suas socializações espaciais no bairro à que pertencem, pôde-se afirmar que a relação das crianças com o bairro e com a cidade revela infâncias muito diferenciadas socialmente. E esse processo varia sensivelmente a depender do meio social, das condições econômicas e do local de moradia das crianças em determinadas regiões do bairro.

Assim, as crianças apresentaram diferentes formas de apropriação espacial do bairro, como é o caso das crianças curitibanas que primeiramente disseram utilizar os espaços de comércio do bairro e fazer pouco uso dos espaços culturais como museus e teatros. Em contrapartida, as crianças parisienses, londrinas e americanas estão envolvidas em atividades extraescolares no bairro e na cidade. Ainda, é importante destacar que as crianças curitibanas pertencentes à classe popular, no caso do Pilarzinho (e especialmente dos Perfis 3 e 4), vivenciam menos os espaços do bairro e demonstram uma espécie de confinamento social e de suas sociabilidades, mesmo morando perto de importantes mobiliários urbanos.

Resumo: Propõe-se aproximar alguns dados resultantes de três pesquisas que objetivaram estudar as sociabilidades de crianças em contextos urbanos: a primeira em bairros de três diferentes cidades, Paris (França), Londres (Reino Unido) e São Francisco (Estados Unidos). A segunda, em um bairro de Curitiba, com crianças de escolas situadas em 4 diferentes regiões do bairro (escolas de Perfil 1 e 2 e situadas em regiões consideradas como centrais do bairro e com maior quantidade de famílias com melhores condições socioeconômicas e de Perfil 3 e 4, situadas em regiões do bairro próximas ou dentro de áreas de vulnerabilidade social e tendo maior quantidade de famílias com menores condições socioeconômicas). A terceira pesquisa foi com crianças de 9 bairros situados em 9 regionais da cidade de Curitiba. Nas três pesquisas a relação das crianças com o bairro e com a cidade revela infâncias muito diferenciadas socialmente. Esse processo varia sensivelmente a depender do meio social, das condições econômicas, e do local de moradia das crianças em determinadas regiões do bairro. Enquanto as crianças curitubanas utilizam primeiramente os espaços comerciais do bairro, as crianças parisienses, londrinas e americanas estão envolvidas em atividades extraescolares.

Palavras-chave: Criança. Desigualdade. Sociabilidade. Bairro. Escola.

Abstract: It is proposed to approximate some data resulting from three studies that aimed to study the sociabilities of children in urban contexts: the first in neighborhoods of three different cities, Paris (France), London (United Kingdom) and San Francisco (United States). The second, in a neighborhood of Curitiba, with children from schools located in 4 different regions of the neighborhood (Profile 1 and 2 schools and located in regions considered as central of the neighborhood and with more families with better socioeconomic conditions and Profile 3 and 4, located in neighborhood regions or within areas of social vulnerability and having a larger number of families with lower socioeconomic conditions). The third survey was with children from 9 neighborhoods located in 9 regional cities of Curitiba. In the three surveys, the relation of the children to the neighborhood and to the city reveals very socially differentiated childhoods. This process varies considerably depending on the social environment, economic conditions, and the place of children's housing in certain areas of the neighborhood. While the children of Curitiba use first the commercial spaces of the neighborhood, the children of Paris, London and the United States are involved in extracurricular activities.

Keywords: Child. Inequality. Sociability. Neighborhood. School.

Referências Bibliográficas

AUTHIER, Jean-Yves. La question des “effets de quartier” en France. Variations contextuelles et processus de socialisation. In: AUTHIER, Jean-Yves; BACQUÉ, Marie-Hélène; GUÉRIN-PACE, France. **Le Quartier: enjeux scientifiques, actions politiques et pratiques sociales.** Paris: La Découverte, 2006.

AUTHIER, Jean-Yves; BIDOUC, Catherine. **La Gentrification urbaine. Espaces et Sociétés. Ramonville Saint-Agne:** Éditions Érès, n. 132-133, 2008. (Éditorial).

Jean-Yves Authier e Sonia Lehman-Frisch, « **Variations sur un thème : Les manières d’habiter des enfants dans les quartiers gentrifiés à Paris, Londres et San Francisco** », *Métropoles* [En ligne], 11 | 2012, mis en ligne le 12 décembre 2012, consulté le 21 décembre 2012. URL : <http://metropoles.revues.org/4584>.

FERREIRA, Solange Pacheco. **Políticas Educacionais de Ampliação do Tempo e Espaço para a Infância em Territórios Urbanos** : uma análise a partir do bairro Pilarzinho da cidade de Curitiba,

2016. 245f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

FERREIRA, Valéria Milena Rohrich. Práticas Institucionalizadas e Processos de Socialização de Crianças na Cidade, **Revista Cocar**. Belém/Pará, v. 9, n.17, p. 55-64, jan. /Jul. 2015.

_____. Deslocamento de crianças nos bairros de Curitiba e sua relação com processos de socialização. **Revista Eletrônica de Educação** (São Carlos), v. 10, p. 52-68, 2016.

Recebido em Junho de 2017

Aprovado em Agosto de 2017